

FF 15

O MINUETE



COMEDIA EM UM ACTO

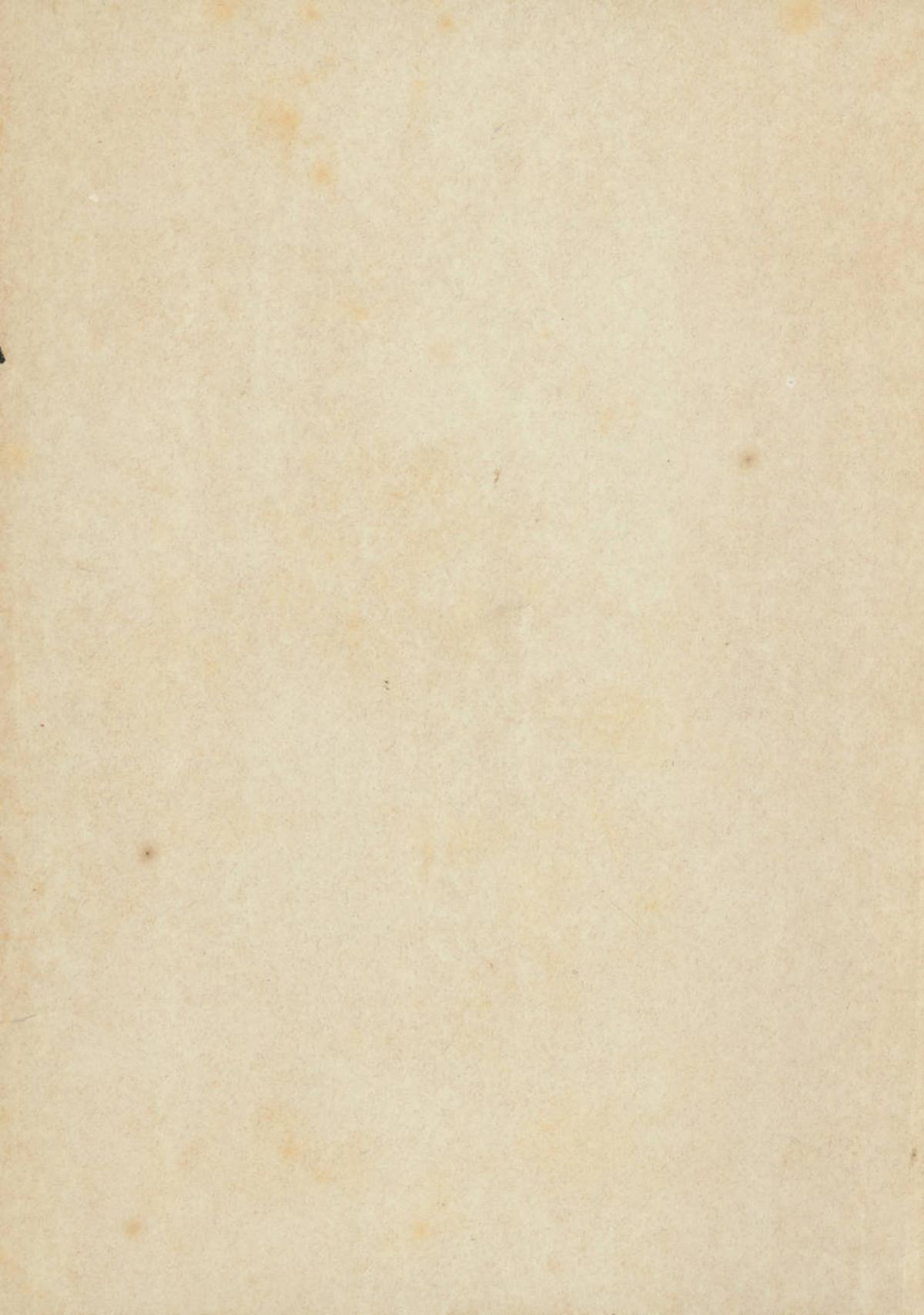
POR

ANTONIO VASCO DE MELLO

PORTO

IMPRESA PORTUGUEZA

M. DCCC. LXXVII.



80

O MINUETE



COMEDIA EM UM ACTO

POR

ANTONIO VASCO DE MELLO

*Testemunho de respeito e
comisação da*

Auctor.



PORTO

IMPRESA PORTUGUEZA

M. DCCC. LXXVII.



L
165445

20

À EXCELLENTISSIMA SENHORA

DUQUEZA DE PALMELLA

Nas suas brancas mãos patricias elegantes,
E que uma veia azul suavemente annila,
Que moldaram na pedra em formas palpitantes
A Dryade formosa, a pallida Sybilla;

N'essas mãos onde o scopro artistico scintilla,
No Paros traduzindo as concepções brilhantes,
Ou rasgue de Ficalho a lucida pupilla,
Ou do marmore arranque as lubricas Bachantes;

Nas suas mãos eu quiz depôr, minha senhora,
De um cacho de lilaz e rosas côr de aurora
Bem feito e perfumado um fino ramilhete.

Mas como não achei o ramo desejado,
Compuz este soneto anemico, esmaiado,
E venho-lhe offertar, Duqueza, o MINUETE.

Santo Antonio dos Oliveas. — Março de 1877.

A. V. de M.

PERSONAGENS

O MARQUEZ.

MARIA, filha do marquez.

A CONDESSA.

O CONDE.

MANUEL DE SOUSA.

FRANCISCO, copeiro.



ACTO UNICO

A scena passa-se em Lisboa. Actualidade. Sala em casa do Marquez.
Portas ao fundo, á direita e á esquerda. Quadros na parede.
Um movel com objectos d'arte. Dois candieiros
com globos.

SCENA I

MARIA e depois a CONDESSA e o CONDE

*(Maria está sentada junto ao fogão. Tem um livro aberto no collo.
Entram a Condessa e o Conde vestidos á Luiz XV)*

CONDESSA



OM o livro abandonado... Triste e pensativa n'uma segunda-feira d'entrudo, quando tem as suas salas illuminadas para um baile, quando deve receber os seus amigos, e fazer-lhe as honras da casa...

MARIA *(que se tem levantado)*

Minha boa Eugenia... *(ao conde)* Snr. conde...

CONDE

Minha senhora...

MARIA

Seja muito bem apparecida quem ha tres semanas não vem a esta casa. E durante este tempo todo n'um tal silencio, que só tive noticias tuas por um bilhete muito mysterioso e extremamente conciso, em que me pedias que para te ser agradavel mandasse fazer para hoje um costume á Luiz xv. E esse mesmo bilhete sem *post-scriptum*, o que espantou immenso meu pae, que pretende que as senhoras, se escrevem vinte vezes ao dia, só no *post-scriptum* depositam o ponto essencial da carta. Mas emfim hoje foste muito amavel em vires mais cedo.

CONDESSA

Não me julgo de cerimonia em tua casa, e por isso não accitei á risca as 9 horas do convite. E é que hoje tenho um projecto, uma verdadeira empreza, que me fez pôr de parte os meus habitos, jantar ás quatro da tarde, logo depois pentear-me e vestir-me, obrigar o Luiz a interrompe: o seu charuto para se transformar n'um *talon-rouge*, como vês, e chegarmos a tua casa quando ainda se accendem as ultimas luzes da escada... que está d'appetite.

CONDE

E d'um lindissimo effeito com as camelias da estua.

CONDESSA

E os candelabros estão muito bem adornados com hera. Mas tu, minha Maria, que tens feito? Já sei que fos: hontem a Bemfica. Divertiste-te?

MARIA

Foi uma festa linda como todas a que tenho assistido ali. Muita amabilidade de todos os de casa, dança muito animada e bonitos *costumes*. De mim que te direi eu? Tenho bastante a contar-te de triste.

CONDESSA (*áparte*)

Chegam as confidencias. (*Alto*) Tristezas na noiva de Manuel de Sousa, tão feliz e tão alegre! (*Áparte*) É necessario que ella tenha uma expansão; pobre rapariga!

MARIA

Desde que te não vejo, minha Eugenia, passaram-se coisas bem tristes para mim...

CONDESSA (*áparte*)

A quem ella o vem dizer!

MARIA

Mas é uma historia longa e não quero aborrecer teu marido com as minhas lamurias.

CONDESSA

Não receies isso. Onde encontrar moveis antigos, fayenças, quadros, jarras, e quanta bugiganga ha, com a condição de ter mais de cem annos, está no seu elemento e nem se lembra dos pobres mortaes que teem a infelicidade de viver no seculo XIX. A tua casa tem para elle o attractivo de um

museu, onde satisfaz, á vontade, a sua febre de *bric-à-brac*... Não o vês como elle se deixa enlevar na contemplação d'aquelle quadro? Quem aqui entrasse julgal-o-ia apaixonado por aquella encantadora creatura, que ha muitos annos sorri maliciosamente, cheirando uma rosa desbotada. Se eu fosse ciumentata... De mais, tem ali a *Revista dos dois mundos*, que é o refugio dos aborrecidos. Conta-me pois essa historia. Mas não estejas com esse ár desanimado, porque tudo n'este mundo tem remedio.

MARIA

Para o meu caso não lh'o vejo... ao menos proximo. Sabes que meu pae era intimo amigo de D. José de Sousa, pae de Manoel. Foi sempre o sonho doirado d'ambos que este casasse comigo, e n'esta ideia nos educaram de maneira que ao principio o habito e depois as qualidades que um no outro encontravamos, tornava-nos facil e até desejavel o cumprimento das ambições de nossos paes.

CONDE (*olhando para o quadro*)

Que harmonia de côres! Que segurança de traços!

MARIA

Assim viviamos alegres na esperanza do proximo casamento, quando morreu D. José de Sousa. Manoel, como sabes, teve que ir a Paris para regular uns negocios que ali tinha e onde teve que se demorar o anno do luto. Estudou, e assistiu aos debates nas camaras francezas, d'onde resultou uma revolução no seu espirito até ahi imbuido nas ideias de

seu pae. Chegou a Lisboa ha tres semanas e lançou-se na vida publica, revelando ha poucos dias, n'uns artigos d'um jornal, as suas ideias liberaes. Foi um golpe profundo no edificio doirado que meu pae tinha construido para a nossa felicidade.

CONDESSA (*á parte*)

Exactamente o que Manoel me tem contado.

MARIA (*continuando*)

Absolutista por convicção, e educado nos salões do *ancien regime*, aqui e em Paris onde exclusivamente frequentava o faubourg St. Germain, não admittindo que possa haver boa fé nas opiniões dos que elle chama *nivelladores*, apenas leu os artigos de Manoel que abertamente lhe contrariavam a esperança de ter no genro um partidario das suas ideias, desde logo julgou impossivel o nosso casamento e a entrada d'elle n'esta casa. Tenho-o encontrado na sociedade, e repugnando-me uma côrte furtiva e ás escondidas, acho-me n'uma posição desagradavel entre o desejo que tenho de fallar-lhe e o de não magoar meu pae.

CONDE (*junto a um pequeno movel*)

Este movel é renascença! Tem todo o cunho d'isso!

MARIA

Aqui tens, minha boa Eugenia, o que se tem passado e o que eu necessitava contar-te, porque as tristezas custam o dobro quando não as desabafamos. Mas não julgues que me

*

dou ares de menina melancolica e triste. Tenho esperança que um dia meu pae, que é justo e bom, ceda ás circumstancias, e no entretanto não quero aborrecer os outros e muito menos a ti com as minhas lamentações. E agora dize-me, porque não foste a Bemfica, onde te esperava, para te contar tudo isto, e pedir-te explicação do tal bilhete em que mostravas tanto desejo que eu hoje me vestisse á Pompadour?

CONDESSA

Isso é um enigma interessante de que guardo segredo até logo. Sabes porque não fui a Bemfica? Era já um pouco tarde quando acabei a minha *toilette*, por culpa do Godfroy, que só appareceu ás nove horas. Ia a descer a escada quando sinto duas carruagens que paravam. Imaginei alguma mascarada que nos viesse intrigar, imaginei tudo menos...

CONDE (*que tem prestado attenção ás ultimas palavras*)

Menos a tia Francisca das Carvalhosas com as suas sete filhas gordas e magras, sete pegas que nos cahiram do ceu a perguntarem tudo quanto não perguntam ha quatro annos, que estão mettidas na Covilhã.

CONDESSA

Coitadas!

CONDE

Foi uma saraivada! (*Com voz affectada*) Ó prima, de que côr são os chapéus da moda? Quanto pôde astrar um *mantelete gredelem*? — E a outra: — Em que modista heide

eu fazer um vestido de *varejes*? — E a mais nova, com voz arrastada: — Ó primo conde, que heroe de romance é o seu ideal? — O meu ideal, minha senhora? D. Fuas Roupinho.

CONDESSA

É muito boa gente! Chegavam para passar o entrudo em Lisboa e já vêes que não era amavel deixal-as. Passei a noite com ellas. A tia Francisca não pode perdoar ao Luiz que por distracção lhe deu um beijo, julgando que se despedia de mim.

CONDE

Acredite que foi uma pura distracção.

CONDESSA

Tomei a liberdade de as convidar para o teu baile de hoje, onde hão de gozar immenso; (*olhando para o relógio*) mas agora reparo... já sete horas, tu ainda por vestir, e ainda temos que ensaiar o minuete!

MARIA

Que minuete?

CONDESSA

Curiosa! É o meu enigma; logo saberás. Agora vamos. (*Áparte. Olhando para um moço*) O quadro lá está. Veremos quem vence, snr. marquez.

MARIA

Snr. conde, se não quer ficar aqui só, póde ir ter com meu pae, que deve estar no bilhar. (*Sahem.*)

SCENA II

CONDE (só)

Pobre rapariga! Porque não hade o marquez deixal-os casar? Ella uma joia, elle um excellente rapaz, intelligente, activo, trabalhador, cheio de vida, alegre, e com a mais perfeita collecção de Sévres que eu conheço. Tem duas peças côr de rosa que são as unicas que faltam a sir Richard Wallace. Que mais quer elle para fazer a felicidade da filha? É um rapaz do seu tempo? Tambem o marquez foi do seu! (Pausa) Se minha mulher ganhasse a batalha! Mas, pelo que Manoel me contou, vejo que é difficil. O velho é inflexivel e nem á viva força o quer ouvir desde os taes artigos no jornal. O plano de Eugenia é uma phantasia de senhora, uma diplomacia de *boudoir*, que não póde torcer nem quebrar as teimosias do marquez. Emfim, deixemos-lhe por agora as teimosias e admiremos o gosto com que elle sabe amontoar maravilhas n'estas salas. (Pegando n'um leque que está em cima d'um mo-vel) Este leque é um primor... Uma paisagem de Watteau, o pintor adorado do seu tempo... Onde iria elle desencantar esta preciosidade hoje tão rara?!... Quantas vezes estas doze varetas se abiriam nas mãos esguias de Marie Antoinette, nos dias de grande recepção, quando diante d'ella e do rei, se abriam os dois batentes da sala da côrte, e o pregoeiro gritava, annunciando: (*dirije-se a um reposteiro*) Messieurs! Voici le Roi.

SCENA III

CONDE e o MARQUEZ (*entrando pela mesma porta*)

MARQUEZ

Que entusiasmo, conde! Por quem me tomou?

CONDE

Desculpe, marquez, a imaginação exaltada d'um admirador do seu gosto.

MARQUEZ

Como está a snr.^a condessa?

CONDE

Bem, obrigado. Sahiu d'aqui ha pouco com Maria.

MARQUEZ

Que singular phantasia a de s. ex.^a, quando me escreveu de manhã este bilhete! (*Lê*) Desculpe-me, marquez, se com a soberania do meu sexo, vou dar ordens em sua casa. A amiga de Maria tem direito a querer divertil-a. Desejo pois que no seu baile se dance um minuete, e, para o ensaiar, que o marquez mande chamar um velho mestre de dança, Leonam, habil em mesuras e passos difficeis, e indispensavel para o meu plano. (*Fallando*) Esta ultima phrase sublinhada. (*Lê*) O marquez escreva um bilhete, que o meu creado pôde trazer, para eu o mandar ao seu destino. Não

indague as razões d'este meu capricho. (*Fallanto*) Por mais que eu pense, não acho as taes razões. Emfim obedeci, e não deve tardar ahí o mestre de dança. Pelo que vejo o conde tambem entra no ensaio?

CONDE

Para comprazer com minha mulher.

MARQUEZ

Mas já não é cedo e se se demoram não tem tempo para ensaiar todos os passos. É uma dança complicada, e que não se aprende com a facilidade d'uma contradança franceza. Lembra-me bem com que elegancia o dançou a tiaEga n'um baile em Queluz. A côrte toda applaudia; e chovam sonetos cantando as graças e donaires d'essa gentil senbra. Bons tempos esses de galante cortezia e divertidas festa!

CONDE

Não prometto que hoje chovam os sonetos, mas osso, sem rebuço, prophetisar que não ficaremos menos encatados com a elegancia de sua filha.

MARQUEZ

Lisonjeiro como um cortezão. E digam que chabito não faz o monge!

SCENA IV

OS MESMOS e a CONDESSA

CONDESSA

Não sei onde se metteram. (*Vendo-os. Ao marquez*) Ah! Ainda bem que o encontro, queria agradecer-lhe a amabilidade com que satisfez o meu capricho...

MARQUEZ

Com que obedeci ás suas ordens. Mas... já me será lícito saber as razões...

CONDESSA

A curiosidade não é defeito exclusivo do nosso sexo. Por ora nada posso revelar e necessito d'uma grande discrição da parte de todos. Diga-me, já chegou o meu recommendado?

MARQUEZ

Que eu saiba, não, minha senhora.

CONDE

Talvez entrasse por outro lado e esteja perdido por algumas d'essas salas. Vou indagar. (*Sahe.*)

SCENA V

CONDESSA e MARQUEZ

CONDESSA

É um verdadeiro original. Toma a sua arte a serio, e considera-a acima de todas. Sabe a historia da dança desde Noé, e aborrece a contra-dança como a ultima decadencia da choreographia. Crê na regeneração da sociedade pela *gavota* e *zarabanda*, e tem uma linguagem pittoresca, mesclada de portuguez e italiano, que seria exclusivamente sua, senão nos dêsse uma vaga ideia da lingua com que Gattai saccode as suas ironias subtis.

MARQUEZ

E eu que não conheço esse mestre de dança original! Não lhe perdôo que só agora me fallasse n'elle.

CONDESSA

Está na sua mão o relacionar-se *intimamente* com o meu protegido.

MARQUEZ

Intimamente? Recomeçam os mysterios e o meu desejo de os decifrar.

CONDESSA

Quando respeitál-os é a sua obrigação. Diga-me, marquez, deseja muito a felicidade de sua filha?

MARQUEZ

Que pergunta, snr.^a condessa? Não sabe quanto lhe quero?

CONDESSA

Porque não ha-de pois consentir em que...

MARQUEZ

Sei em que me vae fallar. É escusado. A minha resolução é inabalavel, e só a quebraria quando acreditasse que os actos de Manoel são filhos d'uma convicção profunda, e não d'uma ambição mesquinha (bem lamentavel no filho do meu melhor amigo) d'um desejo de subir sem escolha de degraus, d'um falso patriotismo, que só tem por fim honrarias bastardas. Se eu lhe conhecesse crenças sinceras, não duvidaria em lhe dar minha filha, cuja felicidade não quero fazer depender dos meus caprichos. Mas, ainda assim, muito me havia de custar a quebrar com tradições de familia, e menosprezar opiniões que acho respeitaveis.

CONDESSA

E que todos respeitamos; mas quando se tracta da felicidade de sua filha...

MARQUEZ

Não insistamos no assumpto. O tempo me aconselhará o que devo fazer, e agora fallemos n'outra coisa, pois tenho de receber os meus amigos, e necessito ter o animo sereno... O conde demora-se, encontraria o mestre de dança?

*

CONDESSA

Algum caco antigo que lhe prendeu a attenção.

MARQUEZ

E Maria, ainda não está prompta?

CONDESSA

D'aqui a pouco. Não é operação facil uma *toilette* d'estas.

MARQUEZ (*com intenção amavel*)

Mais uma victoria para a sua belleza, snr.^a condssa, que sahi gloriosa d'essa ardua empreza.

CONDESSA

Marquez, não estamos no seculo passado.

MARQUEZ

É um epigramma aos meus cabellos brancos?

CONDESSA

Não, é uma rectificação á injustiça da sua lisonja.

MARQUEZ

Quando a lisonja é verdadeira, a rectificação é que se torna injusta.

SCENA VI

A CONDESSA, o MARQUEZ e o CONDE

CONDESSA

Aborreço a falsa modestia. (*Reparando no conde que entra com um enorme capacete na cabeça, um alfange na mão direita e um cofre na esquerda. Rindo*) Ah! Ah! Ah!

CONDE (*serio; ao marquez*)

A sua casa é um paraíso para mim. Que trabalho admiravel o d'este cofre...

CONDESSA (*rindo ainda*)

Ah! Ah! Ah! A cabeça de D. Affonso Henriques, no corpo de M. de Argenson.

CONDE (*ainda muito serio*)

Não sei do que ris.

CONDESSA

Olha para aquelle espelho.

CONDE (*vendo-se ao espelho*)

Meu Deus, que ridiculo! (*Ao marquez*) Eu me explico. Estava no seu escriptorio quando vi n'uma panoplia este capacete, e pouco depois descobri este lindissimo cofre e este al-

fange; para mais facilmente os examinar, colloquei o capacete na cabeça, e sobre a cabelleira não o senti mais. Eisaqui está como podia ter passado por doido, em castigo de er tirado as coisas dos seus lugares.

MARQUEZ

Desculpa-se tudo n'um amador tão illustrado.

CONDESSA

Pelo amor de Deus não lhe lisonjeie a monomania. É insupportavel a tal paixão. Regra geral: tudo quanto é velho é adoravel.

CONDE (*com intenção*)

Essa regra teve na minha vida uma excepção.

CONDESSA

Obrigada pelo cumprimento.

MARQUEZ

E a excepção perdoa a mania. Não acha snr.^o condessa?

CONDESSA

Com a condição de ser a unica. Vou apressar a Maria, que já me vae tardando. (*Sahe.*)

CONDE

E eu pôr o capacete no seu lugar.

MARQUEZ

Acompanho-o. Quero mostrar-lhe o esmalte d'um relógio Breguet que descobri n'um bazar. (*Sahem.*)

SCENA VII

FRANCISCO (*só*)

Ninguém! Não sei se será por aqui que se entra... Necessitava que me indicassem o caminho para a copa. O copeiro está doente, segundo me disseram, e o snr. marquez mandou-me avisar para cuidar da ceia e dirigir os creados... Mas... (*vae á porta da direita*) para aqui são salas... (*vae á porta da esquerda*) para aqui tambem... (*dirigindo-se á plateia*) por ahi ninguém me deixa passar... (*ao buraco do ponto*) por aqui... é muito escuro (*recúa*) e está lá uma cara tão feia. Não ha que duvidar, erreí o caminho. E d'aqui a tres horas tem de servir-se o chá e os creados devem estar todos a postos! É necessario provar que não é só o copeiro do snr. marquez que sabe dirigir uma festa. Tenho titulos gloriosos, que me fazem honra, e me dão direito a ter uma certa vaidade. O anno passado fui encarregado de fornecer um *lunch* para um casamento em casa do embaixador francez. Os convidados estavam encantados, e no fim tive a honra de ouvir da propria bocca do embaixador. Oh! *le drôle de petit banhomme!* que em portuguez significa: Oh que soberbo *lunch!* Toda a gente, a quem tenho contado isto, rie a bandeiras desprega-

das. Mas posso affiançar que é verdade, e que ninguem arma uma bandeja como eu. E eu aqui a fallar e o tempo que passa! Mas se eu não sei por onde me encaminhar! Esperemos que passe por aqui alguem... (*Reparando no quadro ao fundo*)
Certamente é o retrato da filha do snr. marquez. Aproveito para a ver mais de perto. (*Sobe acima d'uma cadeira para examinar o quadro.*)

SCENA VIII

FRANCISCO e o MARQUEZ (*que entra sem o vêr*)

MARQUEZ

Que empenho terá a condessa...

FRANCISCO (*sempre olhando para o quadro*)

Como é bonita!

MARQUEZ (*vendo-o. Baixo*)

Pela caturrice é o mestre de dança. (*Tosse*) Hum! Hum!
Hum!

FRANCISCO (*descendo precipitadamente. Baixo*)

O snr. marquez.

MARQUEZ

Snr. Leonam.

FRANCISCO (*baixo*)

Que exquisito nome que elle me dá! Mas, emfim, não devo contradizel-o. (*Alto*) Snr. marquez! (*Inclina-se exageradamente.*)

MARQUEZ

Ainda ha muito tempo para começar?

FRANCISCO

Decerto ainda ha muito tempo...

MARQUEZ (*baixo*)

É singular! Nem a mais leve pronuncia italiana. (*Alto*) Teem-me feito muitos elogios a seu respeito.

FRANCISCO (*baixo*)

Não dizia eu inda agora que me fazem muitos elogios! (*Alto*) São favores!

MARQUEZ (*baixo*)

Já não sei o que hei-de dizer a este homem. (*Alto*) E então diga-me, snr. Leonam...

FRANCISCO (*baixo*)

Que mania de me chamar assim!

MARQUEZ

Como tenciona dirigir a nossa gente?

FRANCISCO

Muito me honra, snr. marquez, com essa pergunta. Eu respondo. Devem ser quinze... com os de casa vinte.

MARQUEZ

Acho muito.

FRANCISCO

Peço perdão, mas não se podiam empregar menos. Colloco-os todos em fileira e distribuo a cada um a sua occupação. Depois, ao toque das onze horas, abrem-se as portas da sala, e entram cada um com a sua bandeja...

MARQUEZ

Mas para dançar o minuete?

FRANCISCO

O snr. marquez quer que os creados dancem?

MARQUEZ

Os creados? Não o entendo. (*Baixo*) Este homem é doido.

FRANCISCO

Pois como hei-de eu dirigir a ceia sem creados.

MARQUEZ

A ceia? Ah! Então diga isso! Agora comprehendo! O senhor é o Francisco que vem substituir o meu copeiro. Mas o

seu lugar não é aqui. Tenha a bondade de sahir por aquella porta, descer a escada, e tomár á direita. Passe muito bem.

FRANCISCO

Snr. marquez. (*Sahe.*)

SCENA IX

MARQUEZ, CONDESSA, MARIA, e depois o CONDE

CONDESSA

Aqui lh'a trago fresca como uma rosa de chá, linda como
um sorriso de artista, em character como um quadro antigo.

MARIA (*fazendo uma mesura*)

Snr. marquez.

MARQUEZ

Snr.^a D. Maria... (*Reparando n'uma pulseira que Maria traz*) Viva! Pulseira nova! E que bonita!

MARIA

Uma surpresa amavel de Eugenia.

CONDESSA

Desejava que tu a usasses hoje. Dizem que traz felicidade.

MARQUEZ

E tem as tuas iniciaes!

MARIA

Ainda não tinha visto.

MARQUEZ

Um M. e um S. Que quer dizer isto snr.^a conessa?

CONDESSA

Outra phantasia minha. Tractemos agora d'outra coisa.
Como vê, sua filha não traz *mouches*.

MARQUEZ

Ia fazer essa observação.

CONDESSA

Trago-as n'esta caixa. Mas ha um ponto a decdir. Onde se hão-de collocar?

MARQUEZ

Não acredito que a senhora mais elegante da 10ssa sociedade, não tenha uma opinião sobre esse assumpto. Demais tendo duas tão scientificamente postas...

CONDESSA

É agora a minha vez de perguntar se é epignmma?

MARIA

A Eugenia teimava em que eu collocasse uma aqui...
(*Indica um ponto no labio inferior*) Eu preferia-a antes aqui. (*Indica a parte superior da face com gravidade affectada.*) Snr. marquez, reclamo a solução d'este problema.

MARQUEZ

Para tal problema, devias-me ter avisado com antecipação. Mas por mim resolverá um auctor respeitavel.

MARIA (*rindo*)

Meu pae, vae-nos lêr o padre Antonio Vieira?

MARQUEZ

Não rias, porque é um livro competente na materia. (*Procura um livro em cima da mesa*) Sentem-se e ouçam...
Paginas 44... O auctor falla d'uma reunião de senhoras. (*Lê*)
« Dans tout le cercle qui comprenait plus de trente têtes de femmes, je ne vis que deux monches placées selons les regles. Quelles sont-elles les regles? »

MARIA

O assumpto é interessante e o leitor...

MARQUEZ

Não me interrompas, que vae ser resolvida a questão. (*Procurando o ponto em que ficou*) E tal... e tal... e tal... cá está. « Neuf est le nombre des points différents que les

mouches peuvent occuper sur un joli visage. *La mjestueuse* se met presque au milieu du front. *L'enjouée* sur le bord de la fossette que forme la joue, quand on rit. *La galate* au milieu de la joue.»

CONDE (*entrando devagar. Fallando só*)

É impossivel que aquelle garfo seja tão antigocomo dizem, porque a primeira vez na historia se falla n'un garfo e n'um inventario de prata do rei Carlos v.

MARIA

Quem falla aqui em Carlos v? Snr. conde, deie em paz o grande rei, e ouça esta leitura de que depend a minha sorte.

MARQUEZ (*continuando*)

« *La baiseuse* au coin de la bouche.»

CONDE

De que se tracta?

MARIA

Eugenia explica-lhe. Continue meu pae.

MARQUEZ

« *La coquette* sur les lèvres. *La recéleuse* sur un bouton.»

CONDE

É a que convém á tia Francisca das Carvalhasas.

MARQUEZ

« *La passionnée* au coin de l'œil. »

CONDESSA

É a tua favorita, Maria. Estou vencida. (*Colloca o signal em Maria.*)

MARIA

Que tal me acha, snr. conde?

CONDESSA

Fishing compliments.

CONDE

A mais adoravel marquezia da côrte de Luiz xv.

UM CREADO (*á porta*)

O snr. Leonam.

SCENA X

CONDESSA, MARIA, MARQUEZ, CONDE e MANOEL

MANOEL (*entra vestido com uma casaca de velludo escuro, collete comprido, calção e meia, cabelleira grisalha, olhos verdes e uma bengala. Cumprimenta as senhoras, fazendo mesura de pé atraz*)

Eccellenzas!

MARQUEZ E O CONDE

Signore!

MARIA (*á parte*)

Esta voz! É impossivel.

MARQUEZ (*ao conde*)

Feita a geral cortezia,
Pé atraz segundo a moda,
Daremos á mãe e á tia
E depois a toda a roda
Alto e malo senhoria.

CONDE

Como dizia o nosso Tolentino.

MARQUEZ

Folgo que seja o snr. Leonam quem dirije estas senhoras. A snr.^a condessa é quem lhe indicará...

CONDESSA

Lembrei-me de si, porque ninguem saberia melhor pôr em pratica o meu projecto. Meus senhores, téem diante de si o deus da dança. (*Á parte*) Que methamorphose!

MANOEL (*)

Il dio! Oh no! Il infimo maestro di questa sublime, di questa celeste arte, che Orpheu amaba, che Grechi adoraban,

(*) O actor deverá, durante esta scena, dar ás palavras um sabor italiano.

che Romani honoraban. L'arte di Bactylo, di Pylade, di Margherita di Valois, d'il grande Marcel, di Trenis, di Vestris...

CONDE

Que erudição choreographica!

CONDESSA

Pois, snr. Leonam, é d'essa arte sublime que nós desejamos uma pequena lição.

MANOEL

Con piacère, madama.

MARIA (*áparte*)

Que ideias extravagantes me passam ás vezes pela cabeça. Será? Experimentemos. (*Alto a Manoel*) Está ha muito tempo em Lisboa?

MANOEL (*embaraçado*)

Minha senho... Madamijella...

CONDESSA

Snr. Leonam, pretendemos organizar para esta noite um minuette. (*Baixo a Manoel*) Não se esqueça de quem é, snr. mestre de dança.

MANOEL

Oh un minuette, danza angelica! Marcel, il grande Marcel sclamaba: «Que de choses dans un menuet!» La prin-

cipeza di Conti mostraba su nobilitá in passo i minuete. Questa danza é bella, grave, interessante, donairga.

MARQUEZ (*ao conde*)

Este homem não é mestre de dança, são os fastos de Terpsichore ambulantes.

CONDE

Bem o prega Frei Thomaz... Vamos a vê o que elle faz.

MARIA (*á condessa*)

Eugenia, não achas que devemos começar?

MANOEL (*baixo á condessa*)

Pelo amor de Deus, minha senhora... Estou fazendo um papel ridiculo e falto de seriedade.

CONDESSA (*baixo a Manoel*)

Com um fim sério e digno. Obedeça-me, que foi a condição. (*Alto*) Snr. Leonam, se lhe parece comeemos o ensaio.

MANOEL

Poterei menare la danza com madamijella..

CONDESSA (*baixo*)

Imprudente! (*Alto*) Não. É melhor começao Luiz com a Maria.

MANOEL (*põe a bengala junto a uma cadeira*)

Signore conte, donate dunque la dextra a madamijella. Un passo... (*os dois executam*). Spirale (*o mesmo*). De un canto ad altero (*o mesmo*). Passate in fórma di Z. (*Maria e o conde dançam.*)

MARQUEZ (*durante os ultimos passos. Á condessa*)

Como estes passos são graciosos e nobres! E como esta musica suave e attrahente se casa bem com as mesuras cadenciadas e os gestos senhoris! Como tudo isto é fino e galante, e me leva o espirito n'uma nuvem de saudade ao passado que se desenrola diante de mim com todas as recordações da mocidade, com todas as festas a que assisti! A musica tem o condão de me avivar a memoria do sentimento, e ferir as cordas mais intimas do meu coração; inunda-me com um pó doirado e subtil, que me rejuenesce, transportando-me a um paiz risonho, alegre e côr de rosa. Sinto-me outro.

CONDESSA (*á parte*)

Estas impressões entram no meu programma. (*Alto*) Tem razão marquez, a musica...

MARQUEZ (*que tem por distracção pegado na bengalla de Manoel. Baixo*)

Esta bengalla... Conheço-a! Era de José de Sousa, do meu amigo... mas isto seria absurdo. (*Alto*) Snr. Leonam, comprou ha muito esta bengalla?

*

CONDESSA (*áparte*)

Manoel trahiu-se.

MANOEL (*indeciso*)

Snr. marquez...

MARQUEZ

Esta voz?... Diga-me porque usa d'esta bengalla que não lhe pertence.

MARIA

Meu Deus!

CONDESSA (*áparte*)

Foi mais cedo do que eu esperava. (*Alto*) Acalme marquez, eu explico...

MARQUEZ

Snr.^a condessa, Deus queira que nunca se arrependa de ter... de ter... usado da minha boa fé. (*A Manoel*) Exijolhe que me diga o que vem aqui fazer. (*Manoel tira a cabelleira e os olhos.*)

CONDE

Em que acabará isto!

MARIA

Manoel. (*Para a condessa*) E tu que não me tinhas dito.

MARQUEZ

Ah! É Manoel! Mais um facto que vem confirmar a minha opinião a seu respeito. Diga-me, senhor, é assim que aproveitou a educação que seu pae lhe deu? É d'essa ma-

neira que segue as sãs, e puras doutrinas que desde o berço lhe ensinaram? Foi educado na crença de Deus, no respeito de tudo o que é sagrado — a tradição, as leis, a virtude, a familia, o exemplo dos nossos antepassados, o cumprimento do dever. E um bello dia, porque leu um livro de Voltaire, uma passagem de Rousseau, um discurso de Castellar, porque julgou que a gloria se encontrava no seio da democracia, e não no caminho de seus avós, quebra com o passado, que sempre lhe foi dado por exemplo, renega as crenças que bebeu com o leite, grita sem consciencia na praça publica: — Liberdade, Egualdade — e despresando a memoria de seu pae, filia-se no grupo dos seus inimigos. E é este homem que aspira a casar com minha filha, e que depois de perceber que não é aqui recebido, se me apresenta, não sei com que fim, com as vestes de um bobo, e o caracter de mestre de dança.

MANOEL

Snr. marquez, não me deve julgar sem me ouvir. Negou-me a sua casa, recusou-me a mão de sua filha, e nunca consentiu em attender á explicação do meu procedimento. Peço-lhe que me ouça e depois que me julgue. Professo, é verdade, ideias oppostas ás de meu pae e ás suas, sigo opiniões diversas, filiei-me n'um partido contrario. E sabe porque? Porque acceitei os conselhos de meu pae e os seus, snr. marquez. Ensinaram-me a ter crenças e eu creio, deram-me o exemplo da honra e eu sigo-o, o amor da patria, e eu sirvo-a, a noção do dever, e eu cumpro-o. Simplesmente abri os olhos e pensei. O meu espirito tornou-se moderno. Creio na liber-

dade. Seguindo essa ideia, sirvo o meu paiz, cumpro o meu dever e não quebro com as tradições de meus avós, que o serviram conforme as ideias do seu tempo. A minha consciencia está limpa, e os meus actos não contrariam o exemplo de meu pae, cuja memoria respeito. Era para lhe dizer isto, para lhe provar que, chamando-me seu genro, dava sua filha a um homem honrado, que muitas vezes o procurei, e achei sempre fechadas as portas de sua casa. É frivola bem sei a maneira porque me apresento, mas dirijo-me á snr.^a condessa...

CONDESSA *(que tem ido acima d'um movel buscar um pequeno quadro)*

E fui eu que aconselhei este meio. Frivolidade de mulher, bem sei. Mas as mulheres tem ás vezes o condão de com os mesmos dedos que rendilham bordados e fazem frioleiras, tecer a felicidade, e declarar a paz. É uma compensação. Deixem ao menos essa ás mulheres que tem tão poucas. *(A orchestra começa a tocar em surdina.)* Quando soube por Manoel do que se tinha passado, lembrou-me detrazer aqui a paz, fazendo a felicidade de todos. *(Ao marquez)* Procurei no seu passado, uma scena, cuja recordação lhe traz á memoria, uma pagina risonha da sua vida, um episodio da sua mocidade. Lembrei-me d'este quadro. É uma scena graciosa e alegre. É sua mulher antes de noiva, fina, elegante, linda, e o marquez, moço gentil e com o ar distincto que ainda hoje lhe conhecemos. Dançam o minuete e com tanta graça o fizeram que o pintor tirou d'ahi um dos seus quadros mais

completos. Lembra-me tambem... quantas vezes lhe tenho ouvido contar...

MARQUEZ

Que foi n'essa noite que se desfizeram as ultimas difficuldades que para o casamento, meu sogro tinha levantado. Lembra-me como se fosse hoje. Com que alegria nós sahi-mos d'esse baile, que foi o preludio da nossa felicidade!

CONDESSA

O assumpto d'este quadro, e a significação que tem para si, é que me deram a ideia de trazer aqui Manoel, para seguir o seu exemplo. É necessario que o marquez siga o de seu sogro.

MARQUEZ (*á parte*)

Cordas de sentimento intimo, que só mãos femininas sabem vibrar. (*Alto*) E o homem moderno quererá seguir os exemplos dos antigos?

MANOEL

Os exemplos bons aproveitam-se sempre.

CONDE (*fallando baixo*)

Faz-me isto lembrar uma certa peça de Saxe.

MARQUEZ

Pois bem, Manoel, creio na sinceridade das suas opiniões, ainda que oppostas ás minhas. Essas deixem-m'as, estão prezas aos meus cabellos brancos.

MARIA

Obrigada, meu pae.

MARQUEZ

Agradeçam á sr.^a condessa...

CONDESSA

Agradeçam antes...

MARQUEZ

E ao Minuete.

(A orchestra continua a tocar. O panno cahe.)

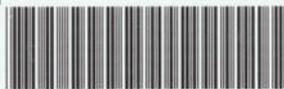
FIM.



3007M027

I-6-D-392

BNP



EFG0001208246

B

L.